

Surpreendente

A primeira sensação é essa, a de surpresa. Precisamente tanto maior quanto mais se pensa conhecer Cardoso Pires. Qualquer coisa como: então ainda ficara *isto* por escrever. Preparando a surpresa, nem as expectativas favoreciam (que haveria a dizer de um acidente neurológico?) nem a encenação tranquilizava (grande orquestração mediática, prefácio de um célebre médico, lançamento com Presidente). Pois bem, o susto passa depressa. Às primeiras páginas, sabe-se estar-nos nas mãos um livro assombroso.

O maior prazer ainda não é o do reconhecimento, o de ser a obra tanto de José Cardoso Pires, o de reencontrarmos uma linguagem estuante de sugestões e todavia límpida a perder de vista. Porque isso, sendo muito, era já o menos que se ousava aguardar. Não, o maior gozo é o deste exacto livro. Com este guião louco que mais apeteceria atribuir àquela imaginação, não ao coágulo navegante. Com esta descarada reportagem além-túmulo, possível pelo encravar do mecanismo que dispara a alma, mas nem uma palavra sobre a chance de ele estar bem oleado. Com esta ausência do sofrimento (isto viu-o com argúcia João Lobo Antunes), esta radical falta de perplexidade. Como quem só escreve uma novela. Como um José Cardoso



Pires exactamente escrevendo esta novela. E porque não? Os dois companheiros de quarto são tão cardosianos que fica para sempre indistinguível onde começa a ficção e já acabou o mundo dos factos.

Quem compra este livro leva dois. A «Carta» do neurocirurgião João Lobo Antunes (que vivamente se recomenda ter como *posfácio*) é um texto não-ficcional belíssimo, leitura obrigatória para gente de ciência com duas coisas a dizer ao mundo — tal como o texto de Cardoso Pires é de análise e de reflexão obrigatórias para ficcionistas, tanto os ainda hesitantes como os que já não hesitam.

José Cardoso Pires

DE PROFUNDIS, VALSA LENTA

Pub. Dom Quixote, 69 págs., 1980\$00